

A Aprendizagem da Subordinação e da Resistência no Cotidiano Escolar

*Siomara B. Leite**
*Marli E.D.A. André**

RESUMO

O presente trabalho busca discutir algumas questões relacionadas à teoria da resistência, ao examinar os dados coletados numa pesquisa de tipo etnográfico sobre a interação de alunos e professores no cotidiano de uma escola pública de 1º grau do Rio de Janeiro.

A APRENDIZAGEM DA SUBORDINAÇÃO E DA RESISTÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR

A proposta deste trabalho é discutir alguns dados sobre a vivência do aluno, coletados através de uma pesquisa do tipo etnográfico envolvendo as práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano de uma escola pública de primeiro grau**.

Num primeiro momento, a idéia é buscar a reflexão teórica que possa nos explicar, de maneira articulada, indireta e mediata, a realidade observada. Num segundo momento, vamos nos concentrar no relato da pesquisa realizada, reportando descrições, depoimentos e situações referentes às experiências dos alunos e discutindo suas ligações com o quadro teórico apresentado.

* Professoras do Departamento de Educação da PUC/RJ

**Esta pesquisa faz parte do convênio INEP/Departamento de Educação da PUC/RJ e foi realizada por Maria Cecília F.C. de Siqueira, Marli E. D.A. André (Coordenadora), Nadyda F. Von Der Weid, Siomara Borba Leite, Vera M.B. Wuerkert, Zélia B. Mediano.

1 — A JUSTIFICATIVA TEÓRICA

A explicação articulada do que foi observado nas salas de aula quanto à interação professor-aluno implica na consideração de alguns conceitos bastante abstratos, que de uma maneira indireta nos levam a compreender o porquê de uma realidade social e pedagógica tão contraditória.

Uma maneira de entender o cotidiano da sala de aula é a partir da perspectiva reprodutista da educação. Alguns autores (Bourdieu e Passeron, 1975; Baudelot e Establet, 1975; Bowles e Gintis, 1979) sugerem que a relação professor-aluno é uma relação de dominação, não havendo espaço para um movimento de contra-ação, de reação à dominação. O que os autores citados propõem em suas análises é que as contradições do sistema capitalista de organização social estão refletidas no processo de escolarização sob a forma de dominação cultural. Eles concebem esta dominação de modo tão intenso e abrangente que não consideram a possibilidade de momentos de quebra, de ruptura, os quais possibilitariam a existência de atitudes de resistência a esta situação.

Embora a teoria da reprodução cultural e social tenha avançado em muitos sentidos à análise social da educação e da escola, ela não conseguiu dar conta dos aspectos contraditórios inerentes a toda e qualquer prática social. A escola, ao mesmo tempo que contribui para a inculcação e a divulgação da ideologia dominante, é um espaço onde interagem sujeitos com determinada consciência e determinada intenção. Isto significa que a inculcação das idéias e dos valores dominantes não é um processo tão mecânico como a teoria da reprodução argumenta. Todo o processo de dominação é antes de mais nada um processo caracterizado por conflitos, por tensões, por tentativas de resistência (Giroux, 1981, *a* e *b*).

Um autor que tem trabalhado bastante as questões da teoria da resistência é Henry Giroux (1981, *a* e *b*, 1983). Além dele, podemos encontrar contribuições, e Apple (1979) Young e Whitty (1977), Sharp (1980) e Gadotti (1983). Segundo Giroux (1981 *a* e *b*, 1983), a teoria da resistência é entendida a partir de três conceitos básicos: ideologia, hegemonia e cultura.

Ideologia

Ideologia é muitas vezes entendida como todo um conjunto de idéias, valores e significados que justificam “a priori” os interesses e os compromissos econômicos não-manifestos de uma determinada classe social, a classe dominante. Neste sentido, ideologia aparece como sendo “falsa consciência”, isto é, a inculcação de significados, sentimentos e experiências que dizem respeito aos interesses e compromissos da classe economicamente dominante. Sua relação com a base econômica é entendida como sendo de dominação pelo sistema produtivo, isto é, a base econômica determina as idéias, os valores e os significados que estruturam a existência dos indivíduos.

Entretanto, esta visão circular do que é ideologia não tem sido suficiente para explicar a complexidade da realidade social. Numa perspectiva mais dinâmica de análise, o conceito de ideologia ultrapassa o âmbito das idéias e passa a ser estudado no contexto das contradições.

Dentro desta perspectiva, ideologia existe em função de sujeitos, consciência e intencionalidade. É uma prática social e enquanto prática é realizada por indivíduos comprometidos com uma determinada concepção e portanto com uma determinada vivência de mundo. Segundo Giroux (1983):

“...o conceito de ideologia não diz respeito simplesmente a um conjunto específico de doutrinas e significados. É uma noção muito mais dinâmica, que se refere à maneira pela qual significados e idéias são produzidos, mediados e incorporados em formas de conhecimento, experiências, artefatos culturais e práticas sociais. Ideologia, então, é um conjunto de doutrinas e ainda o meio através do qual os atores humanos aprendem o significado de suas próprias experiências e do mundo em que se encontram. Ideologia, como um sistema de significados inscritos na consciência, em formas culturais ou em experiências vividas, existe em uma relação dialética com a realidade. (pg. 61)

Esta concepção vai além da perspectiva reprodutivista para a qual a consciência dominante com seu conjunto específico de valores, crenças, significados e práticas é incorporado

pela classe subordinada, levando à reprodução do sistema capitalista de produção. Já a concepção dialética entende ideologia como um conjunto de práticas sociais que refletem "como os indivíduos compreendem, explicam e 'vivem' o mundo" (Leite, 1983, p. 38). No enfoque dialético o conceito de ideologia deve considerar o jogo das forças sociais, quer dizer, as contradições, as tensões, os conflitos e as tentativas de resistência inerentes às relações de dominação.

Quando, numa perspectiva não-reducionista, não determinística, fala-se em relações de dominação entre classe dominante e classe dominada é fundamental a compreensão do conceito de hegemonia.

Hegemonia

Hegemonia é uma prática inerente às relações ideológicas e de poder, que só cabe num contexto que entende as relações sociais como sendo relações entre sujeitos de consciência e de intencionalidade. Ou seja, o conceito de hegemonia implica numa visão dialética da realidade social onde as contradições são consideradas como condições reais e objetivas do processo de transformação social, isto é, uma realidade que envolve conflitos, tensões e tentativas de resistência à dominação.

A importância da hegemonia foi enfatizada por Gramsci (1971), que propôs uma reflexão cultural (oposta à reflexão economicista) para analisar a realidade social. Gramsci preocupa-se principalmente em ressaltar a importância de fatores culturais e históricos para explicar as relações sociais dominantes (Leite, 1983). O seu conceito de hegemonia implica liderança ideológica, política e econômica por meio da concordância e do consentimento. Hegemonia é alcançada onde há consentimento com relação à liderança dominante. Esta liderança não pode ser alcançada através da coerção e da repressão somente. O uso da força é um dos últimos recursos para a condição de hegemonia. Para se constituir uma classe hegemônica é preciso que esta classe seja sustentada e aceita pela classe subordinada. Esta aceitação resulta da manipulação da concepção de mundo da classe dominada que é assegurada pela divulgação e inculcação do consenso ideológico no que se

refere à situação dominador-dominado. Esta situação é aceita como universal e inclusiva. Baseada na concepção de mundo da classe dominada, a classe dominante transmite seus valores, crenças, teorias e práticas. Em outras palavras, a classe dominante exercita sua liderança intelectual, moral e política, modelando, influenciando e limitando o discurso e a prática da classe dominada. (Leite, 1983).

Partindo da análise de Gramsci, Giroux (1981 *a* e *b*, 1983) discute a questão da hegemonia, enfatizando que a dominação hegemônica implica tanto a aceitação da ideologia dominante quanto as condições contraditórias que são inerentes às relações de poder. Por um lado, para ser aceita hegemonicamente, a ideologia dominante inculca que as crenças, os valores, as idéias, as atitudes, as disposições e as práticas da classe dominante são naturais, universais, eternas, justas e o único modo possível de se organizar e de se viver em sociedade. Por outro lado, Giroux chama a atenção também para as contradições, as tensões, os conflitos e as tentativas de resistência que permeiam as relações sociais e que significam aspectos de uma luta contra-hegemônica. O que ele quer dizer é que implícito no conceito de hegemonia estão não só as práticas de aceitação e de consentimento mas também as práticas contra-hegemônicas, a luta contra-ideológica.

Tendo já referido ao processo de aceitação e de consentimento por um lado e ao de negação e de resistência, por outro, a preocupação agora passa a ser a compreensão da instância onde se dão tanto o processo de estabelecimento da hegemonia dominante quanto o das lutas contra-hegemônicas que é a cultura.

Cultura

O que caracteriza a cultura como sendo a instância onde acontecem as lutas hegemônicas é o caráter político da prática cultural. Giroux (1981 *a*) entende cultura em termos de "relações antagônicas vividas" (p. 26). A cultura se constitui de relações dialéticas que estão situadas em um contexto histórico definido. Estas relações são determinadas, por um lado pelas relações de produção, pelo sistema econômico; por outro lado,

as práticas culturais são definidas pela consciência, intencionalidade e subjetividade dos indivíduos enquanto sujeitos da história. Portanto, a prática cultural é política pois ela está profundamente relacionada à classe social, ao poder e ao conflito. (Giroux, 1981 *a e b*). Isto significa que "... Em uma formação social caracterizada por relações de dominação, a cultura é dividida basicamente em duas práticas culturais as quais coexistem em dinâmicas relações de incorporação, contradição e resistência" (Leite, 1983, p. 42).

Assim cultura não é somente todo o conjunto de conhecimentos e informações e o conjunto dos modos de viver, pensar e sentir de uma determinada sociedade mais vai mais além. Cultura é tudo isto entendido dentro de relações de dominação e de subordinação que são, em última instância, relações de produção das condições materiais de existência. Sem deixar de lado, entretanto, que todo este conjunto de conhecimento e informações e dos modos de viver, pensar e sentir são construídos por sujeitos dotados de consciência e de intencionalidade.

Cultura é entendida como uma prática ao nível da superestrutura. Embora, como já foi colocado, a prática cultural esteja relacionada à base econômica, ela não é diretamente determinada pelo modo de se organizar o sistema produtivo. Cultura refere-se a processos que se articulam ao nível do pensamento, dos sentimentos e das ações, tais como, valores, significados, práticos sociais, sentimentos, atitudes, disposições, manifestações artísticas e atividades intelectuais. Com isto o que se conclui, é que o processo cultural se identifica com teoria e práticas ideológicas (Leite, 1983).

A partir desta noção política de cultura, Giroux (1981 *a e b*) explica o processo de escolarização como um dos pólos do processo de dominação. O outro pólo deste processo são as relações de poder propriamente ditas — o poder da classe economicamente dominante. Entretanto, nesta noção dialética de cultura, a escola não funciona somente como local de transmissão e inculcação da cultura dominante. Ela é também o local de troca, de intercâmbio, apesar de ser uma troca, um intercâmbio desigual, entre as culturas que permeiam as sociedades de classes. Segundo Giroux (1981 *a e b*), a preocupação

com o estudo da escola deve se concentrar não só no estudo da contribuição da escola ao processo de inculcação da ideologia — da cultura — dominante mas deve procurar entender também como as diversas culturas das diferentes camadas dominantes se articulam entre si e se relacionam com a cultura dominante.

Teorias de Resistência

No estudo dos conceitos de ideologia, hegemonia e cultura, um aspecto comum é a constatação de que as relações de dominação implicam numa liderança econômica, política e ideológica e também em tentativas de resistência. Estas tentativas surgem já que as relações de dominação são relações dialéticas originadas de uma prática social contraditória, que é definida pela contradição fundamental entre capital e trabalho.

A partir da compreensão de ideologia, hegemonia e cultura como práticas dialéticas é que surge a necessidade de se definir mais precisamente o conceito de resistência.

A resistência é entendida como um conjunto de práticas exercidas por grupos subordinados que se expressam sob a forma de oposição, numa tentativa de barrar a dominação, de não perder sua identidade e seus costumes. São os comportamentos contraditórios e ambíguos e as situações conflituosas presentes na realidade social que permitem que tal resistência apareça. A resistência implica em negação, insubmissão, reelaboração, reinvenção, rejeição, podendo ser decorrente de comportamentos conscientes ou inconscientes.

Um dos principais pressupostos subjacentes à teoria da resistência é a existência concreta de contradições na realidade social. A preocupação com a resistência não é, de modo algum, decorrente da necessidade ideológica de se encontrar uma alternativa para explicar as relações de dominação. A opção pela ênfase aos momentos e tentativas de resistência é justificada teoricamente pela afirmação de que a relação dominador-dominado é dialética e vai ser superada historicamente. (Marx e Engels, s/d).

Giroux (1981 *a e b*) discute o conceito de resistência nos limites da escola. Ele afirma que a resistência é um aspecto central numa análise crítica e radical da prática pedagógica. Segundo ele, o processo de dominação não é coeso, unitário e intrinsecamente coerente, mas, é caracterizado pela existência concreta de momentos de desarticulação, pela existência de contradições reais e objetivas. Essas contradições não são próprias do sistema escolar mas são contradições inerentes ao sistema social global e que se manifestam na escola sob a forma de desagregação e descontinuidade da prática pedagógica.

Gadotti (1980) também fala em formas de resistência na escola, identificando suas manifestações nos comportamentos de desobediência. Desobedecendo ao educando diz não à massificação e à alienação, assumindo-se como sujeito. A desobediência quando coletiva e organizada representa, para o autor, um ato consciente de lucidez e de criticidade. O educando liberta-se ao assumir-se criticamente.

Outra forma de manifestação de resistência citada por Gadotti é o desrespeito, que se traduz numa atitude de insubmissão, de rejeição à subserviência. O desrespeito se opõe ao dogmatismo de valores e de pessoas se colocando mais contra as idéias do que contra as pessoas que as pregam.

2, A PESQUISA DE CAMPO

Metodologia

A metodologia utilizada para a obtenção dos dados foi a observação direta das atividades escolares. O registro dessas observações, em forma cursiva, enfatizou as falas dos alunos e da professora, as formas de interação desenvolvidas, os vários tipos de ocorrência do dia a dia escolar e a descrição viva das situações de sala de aula.

Foram observadas seis turmas sendo duas turmas de C.A. (Classes de Alfabetização), uma de primeira série, uma de segunda, uma de terceira e uma de quarta série. As visitas foram semanais num período de um semestre com uma frequência média total de dez sessões de observação por turma.

Além das observações da sala também foram feitas entrevistas com técnicos e ex-técnicos da escola, com cada professora das turmas observadas e foram assistidos Conselhos de Classe, reuniões de planejamento, reuniões de pais e outros eventos da escola. Essa variedade de situações possibilitou a obtenção de um conjunto bastante rico de informações, que analisadas à luz do referencial teórico utilizado, permitiram desvelar elementos essenciais da prática escolar.

O Contexto das Observações

A escola focalizada está situada numa favela que está incrustada num bairro de classes alta e média alta do Rio de Janeiro. Atende a um total de 1050 alunos distribuídos em 34 turmas, funcionando em quatro turnos, com uma duração de três horas e meia cada um. O primeiro segmento, que compreende trinta turmas, funciona apenas nos três primeiros turnos (7-10:30; 10:30-14:00; 14:00-17:30).

O prédio escolar está bem situado e tem boas condições físicas, estando bem conservado. A sua construção inicial incluía quatro salas de aula, uma biblioteca, um grande auditório e um refeitório. Com a expansão das vagas, os espaços da biblioteca, do auditório e do refeitório foram transformados em sala de aula, havendo atualmente nove salas para atender a todos os alunos.

As salas ocupadas pelas seis turmas observadas se caracterizam por serem amplas, bem iluminadas e bem arejadas, visto que todas elas apresentam janelas grandes em toda a extensão de uma das paredes. As turmas de C.A. ocupam a sala adaptada do antigo refeitório, que apresenta a desvantagem de ser muito barulhenta durante o período da merenda ou quando há atividades no pátio.

Os professores da escola, a maioria do sexo feminino, possuem em geral o curso normal e trabalham na escola há mais de dez anos.

As crianças, em sua grande maioria provêm de famílias muito pobres, onde 25% das mães trabalham fora, em atividades como lavadeira, passadeira, faxineira, costureira e servente. Os pais exercem também atividades manuais como

pintor, pedreiro, carpinteiro, vigia, garçom, motorista e porteiro.

Grande parte das crianças apresenta um atraso de escolaridade — mais ou menos 60% — e detém uma história de uma ou mais reprovações.

A escola mantém uma relação estreita com a comunidade, através de um contato sistemático com a Associação de Moradores que acompanha de perto as atividades da escola.

3. O COTIDIANO DA ESCOLA: APRENDIZAGEM DA SUBORDINAÇÃO E DA RESISTÊNCIA

A partir das considerações teóricas apresentadas, a observação do cotidiano da escola permitiu detectar várias reações das crianças que podem se caracterizar como formas de resistência à dominação.

De modo geral em todas as turmas observadas, as crianças demonstraram interesse por participar e muito entusiasmo pelas atividades de sala de aula. Sempre que a professora solicitava algum tipo de participação as crianças reagiam imediatamente, respondendo as perguntas, levantando a mão para falar, pedindo para ir ao quadro ou para participar das atividades em frente ao grupo classe.

Quando entrevistadas, as professoras confirmaram esse interesse, dizendo que “a maior parte tem interesse em aprender, só uns poucos não”. Uma professora inclusive explicou “nem todos demonstram interesse em aprender; uma grande parte sim, valoriza , gosta , trabalha pela escola, vem às reuniões cívicas, de samba”.

Estas manifestações podem ser entendidas sob o enfoque da teoria de resistência na medida em que apesar de toda a situação de fracasso destas crianças, elas se empenham em participar da rotina da aprendizagem.

Nas séries iniciais, a não existência de um silêncio absoluto em sala e a arrumação em grupos permitem que a espontaneidade das crianças se manifeste de forma mais ou menos frequente. Por exemplo, enquanto aguardam o início de uma nova atividade ou a ajuda da professora, as crianças se diver-

tem conversando, cantando baixinho, batucando nas carteiras ou “implicando” com o colega. Há também alguma oportunidade de conversarem sobre o conteúdo da atividade que estão realizando e de estabelecerem relações entre esta e a sua própria vivência. Essas relações entretanto, não parecem ser aproveitadas nem sistematicamente exploradas pela professora.

Na terceira série, apesar dos gritos da professora sem motivo aparente e das críticas diretas às crianças “incapazes” estas não se mostram desanimadas ou desmotivadas. Ao contrário, elas resistem e se empenham em fazer exercícios, mostrando-os à professora e perguntando se estão certos ou não. Em outras palavras, as crianças não parecem se sentir retraídas pela censura e continuam a demonstrar interesse por aprender o conteúdo, mostrando-se entusiasmadas pelo trabalho de sala de aula através da participação nas atividades desenvolvidas. As repreensões disciplinares são em geral revidadas pela turma e pela criança repreendida, com risos, o que parece indicar, num primeiro momento, uma forma de reação às atitudes autoritárias da professora. Em outras palavras, isto parece demonstrar que as crianças não se desanimam ou se retraem pela censura, mas resistem ao continuar demonstrando interesse e vontade de aprender. Essas atitudes são entendidas como tentativa de resistência na medida em que as crianças não parecem introjetar o papel a elas atribuído de dominadas. O fato de estas crianças estarem com esta mesma professora desde a 1ª série, certamente possibilitou que elas desenvolvessem um “modus vivendi” para enfrentar as situações do dia a dia escolar.

Na quarta série também as crianças parecem ter desenvolvido uma forma de conviver com as manifestações comportamentais ambíguas da professora que ora elogia e estimula, ora seduz e se aproxima, ora reprime e se afasta. Em uma das aulas observadas, por exemplo, ela se dirigiu à turma e disse:

— Está todo mundo olhando para a minha cara com cara de bobo!

Uma criança imediatamente revidou:

— Eu não, eu tenho uma cara muito esperta!

A resposta desta criança constitui uma pronta negação à fala desrespeitosa e autoritária da professora que por sua vez revela uma determinada concepção de aluno, de professor e da interação professor-aluno. Nesta concepção parece estar embutida uma série de preconceitos sócio-culturais como a diferença de classe social, a diferença cultural, o assistencialismo, o uso do conhecimento como poder.

Essas mesmas crianças, em diferentes ocasiões escrevem bilhetes elogiosos à professora, onde manifestam sua admiração e respeito por ela. Nas proximidades do dia das mães, podia-se ler num cartaz da turma, a seguinte mensagem:

“Mãe nossa que está no nosso dia-a-dia
Sempre a nos ajudar
Para sermos doutores ou professores
Ajudando-nos a nos preparar para o mundo
O nome dela é M., nossa querida professora”

Elas também costumam escrever no quadro:

— Dona M., gosto muito da senhora.

Entretanto, é importante notar que quando experimentam a situação de ficarem sob as ordens das duas representantes de turma, dramatizam momentos idênticos aos vividos com a professora, mas deixando passar muita agressão. Numa dessas ocasiões, dirigindo-se a um colega, a representante de turma disse:

— Abaixa a cabeça, garoto! Olha, o seu nome já vai agora mesmo para o caderno! Não quero ouvir ninguém conversando!

Já na presença da professora, a mesma representante muda sua atitude de autoritária para delicada.

Entender essas reações não é muito fácil, como fácil também não é entender as atitudes e os comportamentos contraditórios da professora e dos alunos.

Ainda um modo de resposta das crianças, entendido sob o enfoque da resistência, é o que se expressa através das brincadeiras escondidas quando a professora está dando uma explicação ou orientando a execução de uma tarefa. Numa

turma de 3ª série por exemplo, no tempo alocado para a realização de um exercício, uma criança, ignorando a solicitação da professora, fechou o caderno e ficou brincando com um testador de pilhas e lâmpadas debaixo da tampa da carteira. Passou algum tempo nesta brincadeira e só parou quando surgiu algo aparentemente mais interessante: a saída para a merenda.

Em linhas gerais outras formas de resistir à dominação são as que aparecem em atitudes como a bagunça dentro de sala quando a professora se ausenta, o resistir à realização das atividades, as respostas irônicas revidando comentários da professora, o riso e a brincadeira escondidos dentro da sala.

É preciso deixar claro que este trabalho é uma reflexão inicial da vivência da criança no seu dia-a-dia escolar sob o ponto de vista da teoria da resistência. As colocações feitas são suscetíveis a críticas e interpretações. Neste sentido faz-se necessário um maior aprofundamento dos pressupostos teóricos assim como de sua articulação com a prática no enfoque da teoria da resistência.

Finalmente é importante dizer que a proposta de estudar a escola à luz do enfoque da resistência não é uma tentativa de salvá-la da sua função reprodutivista. É apenas uma alternativa de reflexão sobre a prática escolar a partir da perspectiva crítica que entende a realidade como uma totalidade concreta, envolvendo a afirmação e a negação, isto é, a luta de classes. Por outro lado, essa proposta supõe também a crença na possibilidade de mudança e de transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPLE, M.W. *Ideology and Curriculum*. London, Routledge & Kegan Paul, 1979.
- GADOTTI, M. *Educação e Poder Introdução à Pedagogia do Conflito*. São Paulo, Editora Autores Associados e Cortez Editora, 1983.
- GIROUX, H. *Ideology, Culture and the Process of Schooling*. London, The Falmer Press, 1981 (a).

- GIROUX, H.A. "Hegemony, Resistance and the Paradox of Educational Reform" in *Curriculum and Instruction*. H.A. Giroux, A.N. Penna e W.F. Pinar (Eds) Berkeley, Mc Artchan Publishing Co., 1981 (b).
- GIROUX, H. *Pedagogia Radical — Subsídios*. São Paulo, Editora Associados e Cortez Editora, 1983.
- GRAMSCI, A. *A selection from the Prison Notebooks*. Q. Hoare and G.N. Smith (Eds), London, Lawrence and Wishart, 1971.
- LEITE, S.B. "The Function of the Hidden Curriculum in the Process of Cultural Reproduction". Dissertação de Mestrado, Manchester, 1983 (mimeo).
- MARX, K. & ENGELS. *A Ideologia Alemã*. Portugal e Brasil; Editora Presença e Livraria Martins Fontes, s/d.
- SHARP, R. *Knowledge, Ideology and the Politics of Schooling*. London, Routledge & Kegan Paul, 1980.
- YOUNG, M. and G. Whitty (Eds), *Society, State and Schooling*. Sussex. The Falmer Press, 1977.

RESUMEN

El presente trabajo busca discutir algunas cuestiones relacionadas a la teoría de la resistencia a través de examen de los datos obtenidos en una investigación de tipo etnográfico sobre la interacción de alumnos y profesores en el cotidiano de una escuela primaria pública em Río de Janeiro.